

A ANTROPOLOGIA CULTURAL
NA UNIVERSIDADE DOS AÇORES

Um contributo para a descoberta e a salvaguarda
do património etnográfico insular

RUI DE SOUSA MARTINS

A Antropologia Cultural, apesar de ser uma das mais jovens Ciências Sociais e Humanas, tem sido cultivada no nosso país com particular brilho, conhecendo actualmente, nos meios universitários, um redobrado entusiasmo e um processo de fecunda renovação metodológica. Depois da rica fase pré-etnológica, ligada aos descobrimentos, ao povoamento, à colonização dos espaços atlânticos e tropicais, a brilhante geração de 90, onde pontificaram Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Consiglieri Pedroso, Rocha Peixoto e, sobretudo, Leite de Vasconcelos, foi capaz de entender a etnologia como ciência unitária da cultura, vocacionada para o estudo dos povos de qualquer raça ou continente. O contributo dos *mestres* foi continuado por Mendes Corrêa, Pires de Lima, Viegas Guerreiro, entre outros e, profundamente renovado por Jorge Dias e pela sua equipa que nos legaram uma vasta obra de projecção mundial, nos domínios da etnologia e da etnomuseologia. Nos Açores a Antropologia Cultural teve igualmente cultores de mérito.

Para além da obra pioneira de Arruda Furtado, destacaram-se os trabalhos do Padre Ernesto Ferreira, Urbano de Mendonça Dias, Armando Cortes Rodrigues, Frederico Lopes Júnior, Luís Bernardo Leite de Ataíde, Francisco Carreiro da Costa e Luís da Silva Ribeiro. Um destes estudiosos, o etnólogo micalense Dr. Carreiro da Costa (1913-1981), esteve ligado à fundação da Universidade dos Açores, pois fez parte, em 1974, da Comissão Instaladora da Escola Normal Superior de Ponta Delgada e, no Instituto Universitário dos Açores, leccionou, em 1976, a disciplina de «Sociedade e Cultura Açorianas», no contexto da qual proferiu lições de Antropologia Cultural que constituem o capítulo IX da sua obra, *Esboço Histórico dos Açores*, publicado em 1978. Deste modo, Carreiro da Costa inicia o ensino da etnologia na jovem instituição universitária, onde com a reestruturação foi criada a cadeira de Antropologia Cultural (2.º ano), a funcionar na licenciatura de História e Ciências Sociais (pólo de Ponta Delgada). Dez anos decorridos, o ensino da Etnologia permanece confinado a uma cadeira semestral sendo desejável que, num futuro próximo, seja transformada em anual, a fim de permitir o desenvolvimento adequado de uma problemática científica fundamental no estudo das Ciências Sociais e Humanas, podendo desempenhar um papel importante na presente situação da sociocultura açoriana, aspecto que exige uma reflexão. Apelando para o auxílio da História, verificamos que o povoamento do arquipélago foi efectuado por gentes oriundas de diversas regiões do continente português, portadoras de padrões culturais que tiveram de adaptar inventivamente à pluralidade dos condicionalismos ecológicos insulares. Contributos culturais posteriores, de origem norte-europeia, africana, brasileira e americana foram sendo assimilados e integrados pelo sistema socio-cultural estabelecido. Todo esse processo está na base da existência de uma cultura açoriana tradicional extremamente rica e expansiva. E o facto dessa cultura ter mani-

festações muito variadas de ilha para ilha, de freguesia para freguesia, e ainda de ter mudado ao longo do tempo, é apenas, no nosso entender, sinal de riqueza e vitalidade. E essa cultura formou-se, existe, e existirá, independentemente de termos ou não consciência dela.

Mas a evolução cultural e, nos últimos anos, a avassaladora implantação da sociedade de consumo, das suas práticas e da sua ideologia levou ao abandono e à morte de muitos valores da cultura tradicional açórica. O açoriano vai despindo a sua *roupa cultural* para a trocar por outra que não se adapta à sua pele nem à sua maneira de ser. O rico património tradicional com que se identificava morre e esquece. Os açorianos são progressivamente um povo sem memória, sacrificado a um tipo de desenvolvimento alienante.

Parece-me que o progresso técnico que é real nos Açores não foi adaptado às características geográficas e culturais da região nem as respeita. Neste contexto os etnólogos podem e devem contribuir para o inventário, o estudo, a protecção e sobretudo para a dignificação dos aspectos da cultura tradicional que estão em vias de se perder. Devem consciencializar as pessoas para o valor do seu património tradicional e divulgá-lo a todos os níveis. No caso dos Açores, julgo que é urgente dar uma dimensão enraizadamente cultural a um processo de regionalização que tem sido sobretudo administrativo e político.

Nesta perspectiva, ao assumirmos em 1980, a responsabilidade dos estudos de Antropologia Cultural na Universidade dos Açores, pensámos que estes não se deveriam confinar ao ensino, mas que deveriam estruturar-se e crescer, a fim de poderem desempenhar um papel activo na promoção de um desenvolvimento regional que respeite os valores do património tradicional. Deu-se imediatamente início a uma intensa actividade que envolveu pesquisas de campo, organização de arquivos de etnologia e preparação de filmes etnográficos.

Atendendo aos trabalhos realizados e na sequência de uma proposta da Direcção do Departamento de História, o Reitor da Universidade dos Açores, Prof. Doutor Machado Pires, criou em 28 de Novembro de 1983, o Centro de Estudos Etnológicos Dr. Luís Ribeiro, «com o ecopo de promover a investigação científica no domínio da Etnologia Açoriana». Estavam lançadas as bases institucionais dos estudos antropológicos na Universidade dos Açores e, num momento em que se abrem diante de nós os imensos desafios de futuro, vale a pena fazer o balanço crítico dos nossos primeiros passos.

1. Ensino

O ensino da Antropologia Cultural, reduzido a um semestre, e não podendo abordar adequadamente a etnologia insular, só poderá ter plena expressão num curso de Ciências Sociais pelo qual têm pugnado os docentes desta área. Apesar dos condicionalismos existentes, o curso de Antropologia tem realizado dois projectos de grande interesse para os Açores: o levantamento das artes tradicionais e o dos moinhos de água. Ainda no domínio do ensino tem-se prestado colaboração ao Seminário: Portugal, o Atlântico e a Açorianidade, que, anualmente, se realiza no arquipélago.

2. Investigação

Neste domínio a actividade do Centro de Estudos Etnológicos tem-se estendido às nove ilhas do arquipélago. Em todas se realizaram missões de etnologia de urgência, procurando-se estudar valores da vida tradicional que a sociedade técnica vai reduzindo a um definitivo silêncio. O nosso objectivo tem sido estudar a cultura tradicional em todos os seus aspectos, o que possibilitará a organização do Atlas da Cultura Tradicional Açoriana.

Como a etnologia é uma disciplina vocacionada para o diálogo intercultural têm-se desenvolvido pesquisas relacionadas com o Brasil, Cabo Verde, Angola, Espanha e Marrocos. Os resultados dos trabalhos em curso têm sido publicados na Revista *Arquipélago*, embora com limitações que poderão ser parcialmente superadas com a criação de uma série dedicada às Ciências Sociais.

3. Etnologia Museológica

O Centro de Estudos Etnológicos tem organizado e dirigido cientificamente o Museu Municipal de Vila Franca do Campo, ao abrigo de um protocolo estabelecido entre a Universidade e a Câmara local, homologado pelo Secretário Regional da Educação e Cultura em 24 de Setembro de 1981. A primeira fase do Museu dedicada à cerâmica vilafranquense, foi inaugurada em 8 de Dezembro de 1981 e renovada em 1984. A 23 de Dezembro de 1985, abriu ao público uma nova exposição que contempla a arte dos oleiros ainda a trabalhar. No dia 22 de Junho de 1986 foi inaugurada uma nova sala dedicada aos instrumentos musicais populares e ao trabalho dos violeiros. Em contrapartida, a Câmara Municipal de Vila Franca do Campo tem apoiado os projectos de investigação etnológica da Universidade.

Mas as actividades etnomuseológicas do Centro não se reduziram à ilha de S. Miguel. No decurso de pesquisas realizadas na Graciosa, recolheram-se inúmeros objectos para o Museu Etnográfico de Santa Cruz, instituição que tem colaborado em vários projectos de etnologia da Universidade. A estreita cooperação estabelecida com o Museu das Flores, ainda em fase de instalação, permitiu a compra de objectos e documentos vários relacionados com a baleagem. Graças ao apoio da Direcção Regional dos Assuntos Culturais, organizou-se uma exposição sobre as

artes do linho e da lã nas Flores que abriu ao público na Casa Pimentel de Mesquita.

4. Arquivos científicos e documentações etnológicas

4.1. Bibliotecas

Uma das nossas primeiras preocupações foi organizar uma biblioteca especializada de etnologia que, na medida do possível, se tem procurado manter actualizada. Por nossa iniciativa e com base num parecer de 29 de Setembro de 1981, adquiriu-se a livraria e o espólio científico do Dr. Carreiro da Costa. Estes dois núcleos bibliográficos estão integrados nos Serviços de Documentação da Universidade.

4.2. Ficheiros especializados, Iconoteca e Fonoteca

Como os custos de investigação apenas serão rentáveis, se for assegurada a sobrevivência e a utilização pública dos dados recolhidos, organizaram-se bancos de dados etnológicos que se procuram actualizar. Assim, existem no Centro, Arquivos com os questionários do levantamento dos artífices e dos moinhos de água, acompanhados de ficheiros geográficos e temáticos, estando em preparação um ficheiro analítico da bibliografia etnológica açoriana.

Organizou-se uma iconoteca, onde se arquivam desenhos de etnografia, fotografias de campo, bilhetes postais, antigos e modernos de interesse etnográfico.

Com base num pequeno núcleo de gravações de música popular açoriana e nas cassetes com recolhas de campo, projecta-se organizar uma fonoteca.

5. Filme Etnográfico

O Centro de Estudos Etnológicos participou em dois filmes de interesse etnográfico, realizados pela RTP-Açores: «A loiça da Vila» (1983), onde se abordam os vários aspectos

da arte do barro em Vila Franca do Campo (S. Miguel), e «Pedras Brancas» (1986), que retrata o quotidiano de uma família na ilha Graciosa. Estes filmes foram difundidos no Continente e o último passou no CIRCOM de Munique.

Logo que existam meios adequados, procurar-se-á registar em vídeo a cultura tradicional do arquipélago, e constituir um arquivo que será de grande utilidade para quantos se dedicam ao estudo e à promoção da Cultura Açoriana.